

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
7 de Outubro de 2024
INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

AFRICA NERA, AFRICA ROSSA (2º e 3º episódios) / 1977
Nascita de una Nazione
La Lezioni dell'Angola

Um filme de Carlo Lizzani

Argumento: Carlo Lizzani, Fabrizio Onofri / *Imagem (35 mm, cor):* Sandro Mancori / *Música:* Giancarlo Chiti, Sergio Montori / *Montagem:* Alessandro Gabriele, Pierluigi Leonardo / *Som:* Roberto E. Forrest.

Produção: Triomphe Film (Roma) e Televisão Popular de Angola (Luanda) / *Cópias:* digitais (transcritas do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Durações:* segundo episódio: 57 minutos; terceiro episódio: 54 minutos / *Estreia mundial:* RAI (televisão italiana), 1978, em dia e mês não identificados / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Duração total da sessão: 111 minutos

Sessão apresentada por Luciana Fina

Em boa lógica, por uma simples questão de clareza, o segundo episódio desta mini-série documental de Carlo Lizzani deveria ter sido o primeiro, pois recapitula a História de Angola desde a chegada dos portugueses até à sua independência, quatro séculos mais tarde, com a inserção de imagens de arquivo. No centro desta História está o crime imprescritível que leva o nome de *tráfico negreiro*, embora seja muito duvidoso que a existência de muitos cubanos de longínqua origem angolana tenha sido o motivo que levou Fidel Castro a se interessar por Angola, como é dito com todas as letras no filme. Numa das contradições do colonialismo, uma consciência nacional nasceu em Angola e em outras partes de África (a Argélia é exemplo patente) devido à unificação territorial promovida, por interesse comercial, pelo colonizador e esta consciência nacional tinha forçosamente de desembocar na vontade de expulsar aquela figura usurpadora e opressora. Mas Lizzani parece ter ficado obcecado com o processo dos mercenários estrangeiros mostrado no primeiro episódio, suculenta matéria jornalística de total atualidade, quando o filme foi feito. Depois de dedicar, justificadamente, todo um episódio ao processo, Lizzani volta a inseri-lo nos dois episódios que compõem esta sessão, o que faz com que o processo seja mostrado com mais destaque do que outros aspectos mais importantes do presente de Angola no período imediatamente posterior à independência. Como esta mini-série foi co-produzida com a televisão angolana (detentora de todas as imagens do processo, entre outras), é certo e seguro que o MPLA impôs a presença central do processo ao longo dos cento e cinquenta minutos de duração de **Africa Nera, Africa Rossa**, em detrimento de tudo o mais. Além disso, é evidente que Lizzani nada sabia (nem tinha obrigação de saber) sobre Angola antes de realizar este trabalho (sem dúvida por este motivo pôs brevemente uma criança “angolana” a falar em *off*, com uma pronúncia tipicamente brasileira) no qual é palpável o *arrière-goût* de um curso acelerado da História de Angola por parte dele.

No entanto, o segundo episódio leva o título de **Nascimento de uma Nação**, alusão por antífrase da aberração racista (e obra-prima da *mise en scène* cinematográfica) que é o filme homónimo de Griffith. E este título é mais do que adequado, pois Angola nasceu verdadeiramente ao ficar independente e quase tudo estava por fazer e refazer ali,

depois de séculos de exploração e catorze anos de guerra (mais de vinte se seguiriam, o que ninguém teria ousado imaginar em 1975). A profusão de aspectos a abordar talvez tenha desorientado um pouco Lizzani e o seu-co-argumentista Fabrizio Onofri: ambos parecem ter uma certa dificuldade em escolher o que mostrar, por quanto tempo e como fazê-lo, além de explicar e contextualizar o que é abordado. A reorganização de uma fábrica, um vasto pomar, o apoio da China a Holden Roberto pelo único motivo de que a URSS apoiava o MPLA, o combate do Vietname contra os Estados Unidos como modelo da luta em Angola, o início da luta armada em 1961 e a previsivelmente brutal repressão que se seguiu a descrição do cerimonial que marca os quinze anos de uma rapariga numa aldeia, a partida dos colonos portugueses e as suas vingativas sabotagens antes de partirem, alusões à luta contra o tribalismo (e um *“abaixo o feiticismo”* na faixa numa oficialíssima manifestação política), recapitulações de episódios passados através de imagens de arquivo: todos estes aspectos indispensáveis em qualquer retrato da Angola de 1975 são abordados um tanto a esmo e talvez de modo demasiado breve. Diante da profusão de coisas a mostrar e explicar Lizzani acaba por não manifestar muito espírito de síntese e tem alguma dificuldade de equilibrar na sua narrativa o conjunto e o pormenor. O que virá do futuro? *“Só podemos esperar as respostas”*, responde inteligentemente o realizador. Mas logo a seguir, no terço final do filme, volta ao processo dos mercenários, pormenor na história de Angola ao qual ele dá proporções desmesuradas, como se a nova nação nascesse daquele julgamento (como o prova a pergunta que ele dirige a uma mulher: *“como se chama este bebé nascido depois do julgamento?”*). Talvez com a ideia de dar à série uma estrutura circular, é só no fim do último episódio que Lizzani deixa-nos descobrir qual foi sentença, lida pelo juiz, sem resistir ao efeito, que meio século depois do filme ter sido realizado talvez pareça um tanto barato, que consiste em mostrar os rostos dos quatro condenados à morte sobre o fundo sonoro de estampidos. Mas este meio século também permite ao espectador ver **Africa Nera, Africa Rossa** como um precioso documento sobre a Angola recém-independente e, de modo geral, sobre as lutas geopolíticas do período.

Antonio Rodrigues